



## CAPÍTULO 15

# SER-ENFERMAGEM NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: Uma Reflexão À Luz Da Teoria De Wanda Horta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2591425170715>

**Luana Carla Monteiro Assumpção**

**Aline Miranda da Fonseca Marins**

## INTRODUÇÃO

Na história da profissão de enfermagem, o cuidado era aplicado sem fins científicos e sem uma articulação teórica-prática, ou seja, de forma empírica e intuitiva (Oliveira e Fassarella, 2010). Esse cuidado se manteve desvalorizado, e a atenção estava limitada às ações curativas. Na ideologia da cura, as atenções se deslocaram do(a) doente para a doença; o(a) paciente deixou de ter uma identidade, reduzindo-se a um número de leito, e o ser humano foi reduzido a um órgão (Gomes et al, 2007).

Entretanto, foi somente nas décadas de 1950 e 1960 que a preocupação recaiu em refletir mais profundamente sobre a profissão, o seu objeto de trabalho e o referencial teórico pertinente ao mundo do cuidar, quando, então, começaram a ser elaboradas as teorias de enfermagem propriamente ditas (Schaurich e Crossetti, 2010).

Toda teoria consiste em um conjunto de conceitos que projetam a visão sistêmica do fenômeno. As teorias servem para descrever, explicar, diagnosticar e/ou prescrever medidas para a prática assistencial, oferecendo respaldo científico para as ações de enfermagem (Bousoo; Poles; Cruz, 2014). Assim, buscando contribuir para a construção de paradigmas transformadores na formação do enfermeiro, considera-se pertinente a incorporação dos modelos teóricos à prática educativa em enfermagem (Merino et al, 2018).

Nesse contexto, frente à necessidade de descrever, explicar, predizer e controlar os fenômenos com o propósito de utilizar um referencial próprio da enfermagem, merece destaque especial Wanda de Aguiar Horta, estudiosa que propôs o modelo

da assistência de enfermagem com base na teoria das necessidades humanas básicas (Madeira, 2003).

A teoria se apoia e abrange leis gerais que regem os fenômenos universais, tais como a lei do equilíbrio (homeostase ou homeodinâmica): todo o universo se mantém por meio de processos de equilíbrio dinâmico entre seus elementos; a lei da adaptação: todos os seres do universo interagem com seu meio externo buscando constantemente formas de ajustamento para se manterem em equilíbrio; e a lei do holismo: o universo, o ser humano e a célula são totalidades indivisíveis, não sendo meramente a soma das partes constituintes de cada ser. Focalizada em níveis de necessidades afetadas, denomina-se o contexto das necessidades de nível psicobiológico, psicossocial e psicoespiritual (Horta, 1979, p. 28).

No âmbito de sua busca por uma fundamentação filosófica para a enfermagem, Wanda de Aguiar Horta (1979, p. 3-4) delineou a realidade da profissão através dos conceitos de Ser-Enfermeiro, Ser-Cliente e Ser-Enfermagem. O Ser-Enfermeiro é percebido como um indivíduo completo, comprometido com a enfermagem e dotado de todas as suas dimensões, potencialidades, restrições, alegrias e frustrações. Esse compromisso integral engloba aspectos cognitivos, afetivos e motores, visando sua formação como enfermeiro, momento em que a sociedade lhe confere o direito de 'cuidar de gente'. Essa responsabilidade capacita o Ser-Enfermeiro a cuidar dos outros, embasado em conhecimentos, habilidades e formação. Por outro lado, o Ser-Cliente ou Paciente representa a necessidade humana de cuidado em todas as fases da vida e do ciclo saúde-enfermidade. A interação entre o Ser-Enfermeiro e o Ser-Cliente ou Paciente resulta na emergência do Ser-Enfermagem, cujo propósito é atender às necessidades humanas básicas.

Nesse sentido, identifica-se a importância das bases teóricas e filosóficas da profissão de enfermagem enquanto ciência e arte, as quais devem permear os fundamentos da formação dos enfermeiros, que devem conhecer e aplicar em sua prática profissional as teorias e a filosofia da enfermagem, temas importantes que dão os subsídios necessários ao processo de enfermagem em todas as suas etapas, com qualidade e segurança ao paciente (Riegel; Crossetti; Siqueira, 2018).

No entanto, as teorias de enfermagem, apesar de serem consideradas importantes no ensino e reproduzidas atualmente em nossas escolas, não têm sua aplicabilidade na prática concretizada, devido à falta de consideração do contexto no qual se dá o exercício profissional, ainda pautado no modelo biomédico (Souza et al, 2006). Essa lacuna na aplicação das teorias, conforme discutido pelos autores em questão, é evidenciada pelo fato de que, quando formados, os profissionais tendem a priorizar as necessidades biológicas do indivíduo em detrimento de outros aspectos humanos, indicando uma desconexão entre o conhecimento teórico e sua aplicação prática.

O cuidado em saúde deve se estender para além do aspecto biológico, integrando elementos como autoconhecimento, energia e harmonia nos planos físico, social e cósmico, a fim de alcançar o equilíbrio das forças vitais humanas. O ser humano, como um ser complexo, não se satisfaz apenas com subsídios materiais; ele precisa ser atendido em todas as dimensões de sua existência, sendo nutrido tanto com alimento quanto por relacionamentos, projetos de vida e uma qualidade de vida que reflete sua saúde integral (Melo et al, 2013).

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Enfermagem (DCNs/ENF) destacam que a formação do enfermeiro deve capacitá-lo para identificar as dimensões biopsicossociais dos determinantes de saúde, preparando-o para atuar com responsabilidade social e compromisso com a cidadania. Esse profissional deve promover a saúde integral do ser humano, respondendo às necessidades sociais da saúde e assegurando a integralidade do cuidado, conforme os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), além de garantir a qualidade e a humanização no atendimento (Conselho Nacional de Educação, 2001).

Para alcançar esse objetivo, é fundamental que a formação profissional propicie a interação entre teoria e prática, por meio de um ensino reflexivo baseado no conceito de reflexão-na-ação. Ou seja, um ensino cujo aprender seja privilegiado pelo fazer e cuja capacidade de refletir seja estimulada pela interação professor-estudante, nas diferentes situações práticas (Netto e Silva, 2018).

O processo de ensino-aprendizagem em enfermagem deve, assim, oferecer aos alunos as oportunidades necessárias para adquirirem o conhecimento e as habilidades essenciais para fornecer cuidados de alta qualidade, sempre com foco nas necessidades dos pacientes (Messias et al, 2020). Nessa perspectiva, o amparo teórico proporcionado por Wanda Horta é crucial para a formação do enfermeiro e o funcionamento adequado das unidades de saúde, contribuindo para a consolidação e evolução histórica da profissão (Rosas et al, 2023, p. 456).

### **Questões norteadoras do estudo**

- a) Quais são as interfaces da Teoria de Wanda Horta com o processo de formação em enfermagem?;
- b) Em quais níveis ou cenários de atenção à saúde podemos observar a existência dessa interface? e;
- c) De que forma essa teoria pode contribuir para o processo de formação em enfermagem?

## Objetivos do estudo

Identificar e discutir a produção científica em enfermagem, sobre a Teoria de Enfermagem segundo Wanda de Aguiar Horta, com ênfase na sua interface com o processo de formação do Enfermeiro.

## Justificativa e contribuições para a prática profissional em Enfermagem

Na prática profissional, a enfermagem aparece como um elemento constante no ambiente imediato do paciente, exerce vários controles no processo de decisão relacionado ao plano de cuidados. Isto requer uma sensibilidade de consciência acerca de fatores situacionais, tais como desvios do comportamento fisiológico e social, que podem favorecer ou impedir a efetividade do cuidado (Horta, 1979, p. 16).

Nesse contexto, as teorias de enfermagem desempenham um papel crucial, fornecendo suporte às práticas de enfermagem com suas bases conceituais, epistemológicas e descritivas do cuidado. Elas orientam o “pensar” do graduando ao identificar os problemas de enfermagem durante a experiência do cuidar (Santos et al, 2019).

Com base na teoria das necessidades humanas básicas de Wanda Horta, propõe-se a organização dos seguintes conhecimentos: 1) O ser: Compreensão do ser humano em seu contexto. 2) O objeto: Conhecimento das teorias de enfermagem e práticas de cuidado. 3) O ente: Classificação das necessidades humanas em três níveis: psicobiológicas, psicosociais e psicoespirituais (Horta, 1979, p. 8).

A partir da Resolução nº 577/2018 do Conselho Federal de Enfermagem, é estabelecido que as áreas de atuação do enfermeiro se segmentam em três categorias principais: Área 1, que abrange Saúde Coletiva, Saúde da Criança e do Adolescente, Saúde do Adulto, Saúde do Idoso e Urgência e Emergência; Área 2, dedicada às Atividades de gestão; e Área 3, voltada para Atividades de ensino e pesquisa (Cofen, 2018).

Na literatura, diversos autores enfatizam a aplicação da teoria de Wanda Horta em diferentes áreas de atuação. Por exemplo, Alves et al, (2013) relatam uma experiência sobre a construção de roteiros para consultas de Enfermagem na Atenção Primária à Saúde, utilizando os Diagnósticos de Enfermagem na perspectiva da Classificação Internacional de Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva. Os roteiros foram elaborados com base na Teoria das Necessidades Humanas de Wanda de Aguiar Horta, visando uma compreensão ampliada das condições decorrentes

do desequilíbrio das necessidades básicas do indivíduo, família ou comunidade, promovendo uma assistência mais holística e centrada no paciente.

Quanto ao cuidado a crianças e adolescentes hospitalizados, Marques, Silva e Nóbrega (2016) explicam como a teoria das Necessidades Humanas Básicas orienta a assistência de enfermagem, abrangendo os aspectos psicobiológicos, psicossociais e psicoespirituais. Essa abordagem destaca a importância de considerar não apenas as necessidades físicas, mas também as emocionais, sociais e espirituais dos pacientes, o que pode levar a diagnósticos e intervenções mais eficazes e qualificadas.

Em relação aos adultos e idosos, Silveira e Robazzi (2014) enfatizam a importância de um embasamento em práticas baseadas em evidências e fundamentos científicos. Diante das diversas alterações físicas e cognitivas nesses pacientes, é fundamental que o enfermeiro seja capaz de identificá-las e distingui-las para fornecer cuidados adequados. Nesse sentido, a teoria das Necessidades Humanas Básicas desempenha um papel crucial ao oferecer uma base científica para as práticas de enfermagem e o processo de enfermagem, contribuindo para a organização do cuidado de forma científica, individualizada e humanizada.

No contexto de urgência e emergência, Martins et al, (2018) destacam a relevância da teoria das necessidades humanas básicas no cuidado de pacientes hospitalizados. Essa abordagem visa atender às necessidades fisiológicas, como oxigenação, hidratação, nutrição e eliminação, além das necessidades psicológicas, visando alcançar a autorrealização. Essa teoria é fundamental nesse contexto, pois demanda um cuidado centrado, holístico e individualizado, focado no tratamento, prevenção e reabilitação dos pacientes.

Além disso, no contexto da gestão, o enfermeiro, encarregado da administração do cuidado ao paciente, desempenha um papel crucial na garantia da qualidade dos serviços de saúde. Isso requer que suas ações sejam permeadas pelo foco no atendimento abrangente às necessidades humanas (Gabriel et al, 2010).

Assim sendo, a formação teórica em enfermagem desempenha uma função vital ao preparar os enfermeiros para assumirem liderança, conduzirem pesquisas e educação em saúde, além de equipá-los com habilidades críticas necessárias em ambientes de saúde dinâmicos e complexos. Essa base teórica é fundamental para a prática baseada em evidências, garantindo a prestação de cuidados seguros e de alta qualidade (Oliveira e Rocha, 2023).

Conforme estabelecido pelo Art. 5º, Parágrafo Único, das DCNs/ENF, a formação do Enfermeiro deve atender às necessidades de saúde, com destaque para o Sistema Único de Saúde, garantindo a integralidade da atenção e a qualidade e humanização da assistência (Conselho Nacional de Educação, 2001). Dessa forma, a incorporação

das teorias de enfermagem na elaboração dos currículos favorece o desenvolvimento de uma educação crítica, que aborda questões relacionadas à integralidade da saúde (Silva et al, 2014).

O ensino das teorias precisa ser ministrado de forma sistematizada por docentes que tenham o compromisso com o aprendizado do aluno. Este conteúdo deve ser abrangente e suficiente, para que ao se tornar enfermeiro, ele seja capaz de decidir qual das teorias é a mais adequada a seu campo de atuação, formando assim, profissionais qualificados para prestar um cuidado adequado às pessoas que necessitam deste (Matos et al, 2011).

O Estágio Curricular constitui um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional. Trata-se de uma experiência com dimensões formadora e sócio-política, que proporciona ao estudante a participação em situações reais de vida e de trabalho, consolida a sua profissionalização e explora as competências básicas indispensáveis para uma formação profissional ética e corresponsável pelo desenvolvimento humano e pela melhoria da qualidade de vida (Pereira et al, 2016).

Os resultados do processo formativo podem ser mais ou menos fecundos, de acordo com a intensidade e fundamentação teórica, que alicerça a reflexão sobre as ações. Quando sistemática, intensa e crítica, facilita avanços no sentido de conhecer a si mesmo e ao ambiente que o cerca, desenvolver o poder de argumentação, a capacidade de equilibrar teoria e prática e, finalmente, intercambiar experiências com a equipe (Assad e Viana, 2003).

É crucial enfatizar a importância de adotar uma abordagem crítica e holística no cuidado de enfermagem, o que requer uma reflexão por parte dos docentes, estudantes e profissionais de enfermagem. Isso envolve repensar os paradigmas predominantes na saúde e na educação. Para isso, é necessário conduzir pesquisas que avaliem a qualidade do processo de diagnóstico ao aplicar o pensamento crítico holístico. Essas pesquisas devem demonstrar a precisão e eficácia na seleção de diagnósticos prioritários, levando em consideração as necessidades dos envolvidos no processo de cuidado (Riegel; Crossetti; Siqueira, 2018).

As necessidades apresentadas pelo ser humano em suas diferentes vertentes proporcionam reflexões e resoluções à luz da teoria da Horta, que tem o início da sua utilização desde o princípio do ensino de Enfermagem e permanece embasado nos cuidados durante a vida profissional do enfermeiro, nos diferentes cenários de prática. Nesse contexto, a formação do enfermeiro encontra aproximações com pontos fundamentais da Teoria de Wanda Horta, a considerar o holismo, as necessidades humanas básicas, relações e interações que estão contempladas durante todo o curso de graduação em Enfermagem. (Rosas et al, 2023, p. 456 - 457).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Wanda de Aguiar Horta, enfermeira brasileira pioneira, é reconhecida por sua contribuição à enfermagem, sendo autora da Teoria das Necessidades Humanas Básicas (TNHB) e fundadora da Revista Enfermagem em Novas Dimensões (REND). Graduou-se em Enfermagem pela EEUSP em 1948 e em História Natural pela Universidade do Paraná em 1953. Ao longo de sua carreira, trabalhou como enfermeira assistencial e professora, ingressando na EEUSP em 1959. Obteve seu doutorado em Enfermagem em 1968 pela Escola de Enfermagem Anna Nery e tornou-se Professora Titular em 1977. Em 1981, aos 54 anos, recebeu o título de Professora Emérita da EEUSP, falecendo pouco depois. Sua vasta literatura científica, destacada na REND e no livro “Processo de Enfermagem”, continua influenciando a enfermagem brasileira, especialmente seus pensamentos sobre o valor da profissão e o cuidado humanizado (Ribeiro e Freitas, 2023).

A teoria das Necessidades Humanas Básicas de Horta é o modelo teórico mais conhecido e utilizado no Brasil. A autora fez uso da teoria da motivação humana, de Maslow, que é fundamentada nas Necessidades Humanas Básicas, as quais são consideradas, na ciência da enfermagem, como os entes da enfermagem (Pires; Méier; Danski, 2011).

Abraham Harold Maslow (1908-1970), psicólogo norteamericano de visão humanista, pesquisador do comportamento humano, considerava que os seres humanos têm necessidades comuns que motivam seu comportamento. Para ele, a motivação humana é uma tentativa de satisfação das necessidades e dos desejos das pessoas. Com base nesses princípios, propôs uma hierarquia de necessidades, organizando-as sob a forma de uma pirâmide (Oliveira, 2012).

Na base da pirâmide estão as necessidades mais básicas e fisiológicas, como alimentação e sono. Em seguida, surge a necessidade de segurança, que envolve a busca por um ambiente estável e ordenado. No terceiro nível, encontramos a necessidade de afeto e pertencimento, que leva o indivíduo a procurar conexões sociais e aceitação em grupos. No patamar seguinte, está a necessidade de estima, onde o sujeito almeja reconhecimento, respeito e autoconfiança. No topo da pirâmide encontra-se a necessidade de auto-realização, representando a concretização das capacidades pessoais e o alcance do potencial máximo do indivíduo (Paulino, 2011).

Esses níveis hierárquicos se completam em conjunto, buscando proporcionar uma visão integral do indivíduo em constante interação dinâmica e equilibrada consigo mesmo, com o meio ambiente e com a sociedade ao seu redor (Dias, 2001). Durante essa interação contínua com o universo, o ser humano troca energia e é influenciado por mudanças que o levam a estados de equilíbrio e desequilíbrio. Esses desequilíbrios resultam em necessidades, conscientes ou inconscientes, que

motivam o indivíduo a buscar a satisfação para manter seu equilíbrio dinâmico ao longo do tempo e espaço (Horta, 1979, p. 28).

Aplicando as ideias de Maslow ao processo de cuidar, a enfermagem atua como agente responsável pelo planejamento e cuidado das necessidades básicas do cliente. Nesta abordagem, a enfermagem estabelece uma ação direta e atuante diante dos problemas apresentados pelo cliente. Com essa adaptação, Wanda Horta trouxe para a enfermagem a observação, interação e intervenção junto ao cliente para satisfazer suas necessidades humanas básicas (Regis e Porto, 2006).

Entretanto, embora a inspiração para essa abordagem derive da teoria de Maslow, que hierarquiza as Necessidades Humanas Básicas em cinco níveis - fisiológicas, de segurança, de amor, de estima e de autorrealização - e sugere que o indivíduo só busca satisfazer um nível mais elevado quando o anterior está minimamente atendido, Horta opta por não adotar essa classificação. Em vez disso, ela prefere a proposição de João Mohana, padre, médico e escritor brasileiro, que divide a vida psíquica em três níveis: psicobiológico, psicossocial e psicoespiritual. Enquanto os dois primeiros são comuns a todos os seres vivos e variam em sua manifestação e atendimento de pessoa para pessoa, o terceiro nível é uma característica exclusiva do ser humano. Essa abordagem reconhece a complexidade e a singularidade das necessidades humanas, refletindo uma perspectiva mais abrangente na prática da enfermagem (Horta, 1979, p. 39).

A visão de João Mohana destaca que nossas atividades diárias se distribuem entre três níveis de existência: o psicobiológico, o psicossocial e o psicoespiritual. Em cada um desses domínios, o impulso de desenvolvimento global se evidencia, moldando nosso comportamento em suas dimensões biológica, social e espiritual. Atos como comer e beber exemplificam a expressão desse impulso no nível psicobiológico, enquanto atividades como conversar e visitar representam sua essência no nível psicossocial. Por sua vez, atos como refletir e rezar assumem uma importância crucial no nível psicoespiritual (Mohana, 2004, p. 13).

Esses exemplos ilustram a complexidade e a amplitude das necessidades humanas, enfatizando a necessidade de uma abordagem holística no cuidado de enfermagem. Tais necessidades estão intrinsecamente interligadas, algumas mais intimamente relacionadas do que outras, e variam em sua intensidade conforme se manifestam. Quando uma necessidade se evidencia, surgem sinais e sintomas associados, os quais são reconhecidos na enfermagem como problemas de saúde. No âmbito psicobiológico, destacam-se aspectos como oxigenação, hidratação, nutrição, eliminação e sono. No contexto psicossocial, emergem demandas por segurança, amor, comunicação, pertencimento e recreação. Já no espectro psicoespiritual, observam-se questões relativas à percepção, sentido da vida, conexão

espiritual e ambiente terapêutico. Essa análise sublinha a importância de uma visão integral e abrangente no cuidado de enfermagem, que considere a diversidade e a complexidade das necessidades humanas (Horta, 1979, p. 39-40).

Assim, a Teoria das Necessidades Humanas Básicas (NHBs) foi desenvolvida com o intuito de combater a prática não reflexiva e dicotomizada da enfermagem, buscando unificar o conhecimento científico da área para conferir-lhe autonomia e independência. Por meio dos trabalhos de Wanda Horta, enfatizou-se o planejamento da assistência, visando tornar a profissão autônoma e científica, mediante a implementação do Processo de Enfermagem (PE) em todo o Brasil (Silva et al, 2011).

O Processo de Enfermagem é uma dinâmica de ações sistematizadas e inter-relacionadas visando a assistência ao ser humano, caracterizando-se pelo inter-relacionamento e dinamismo de suas seis fases: histórico de enfermagem, diagnóstico de enfermagem, plano assistencial, plano de cuidados, evolução de enfermagem e prognóstico de enfermagem. Representado por um hexágono com o indivíduo, a família e a comunidade no centro, o processo inicia-se com a coleta de dados significativos, seguida pela identificação das necessidades do paciente e determinação do grau de dependência. Em seguida, define-se o plano assistencial, que inclui encaminhamentos, supervisão e execução de cuidados, e implementa-se um plano de cuidados diário para a equipe de enfermagem. A evolução de enfermagem é registrada periodicamente para avaliar a resposta do paciente, culminando no prognóstico de enfermagem, que estima a capacidade do paciente de atender suas necessidades básicas após a assistência (Horta, 1979, p. 35-36).

Ao atender o ser humano de forma integral, a enfermagem desempenha um papel essencial na manutenção da vida. Isso implica em fornecer assistência direcionada às necessidades humanas básicas que estão comprometidas. O profissional busca enxergar o paciente como um todo, oferecendo apoio psicológico tanto para ele quanto para seus familiares. Além disso, realiza suas ações com agilidade e responsabilidade, mantendo o equilíbrio emocional e o controle sobre si mesmo. Além dessas características, o enfermeiro deve possuir capacidade física e mental, disposição pessoal, iniciativa e habilidade para o trabalho em equipe, utilizando todos os recursos disponíveis para assistir e restaurar o equilíbrio do paciente (Alves, 2014).

A Teoria das Necessidades Humanas Básicas, de Wanda Aguiar Horta, é relevante para nosso estudo, pois de maneira sistematizada possibilita ao profissional atender ao ser humano em situação crítica, com suas necessidades básicas afetadas. A assistência, embasada nesta teoria, é realizada de forma integral, não se restringindo apenas a um membro ou sistema do corpo comprometido, mas abrangendo as

necessidades psicobiológicas, psicoespirituais e sociais do paciente que se encontram em desequilíbrio (Costa; Silveira; Oliveira, 2007).

O enfermeiro que reconhece os significados conceituais das teorias de enfermagem desde a sua formação contribui para dar sentido à prática assistencial, podendo diferenciar-se na construção do raciocínio e do julgamento clínico, além de na escolha das melhores intervenções de enfermagem, na identificação dos fenômenos pelos quais é responsável. Dessa forma, poderá alcançar os melhores resultados no cuidar (Santos et al, 2019).

## METODOLOGIA

Pesquisa com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Esse tipo de abordagem é apropriado se o interesse não está focalizado em contar o número de vezes em que uma variável aparece e caracteriza-se pela necessidade de se explorar uma situação não conhecida, da qual se tem necessidade de maiores informações. Visa explorar, se aproximar e criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno (Leopardi, 2022).

Com vistas a aproximação do Referencial Teórico – Teoria das Necessidades Humanas Básicas - de Wanda de Aguiar Horta, com destaque para a sua obra e contribuição para a Enfermagem Brasileira “Processo de Enfermagem”, publicada em 1979 pela Editora Pedagógica e Universitária (EPU), optou-se, metodologicamente, por explorar a temática proposta nesse estudo, na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), criada em 1932, sendo esse o mais antigo periódico da Enfermagem Brasileira.

Para acessar esse periódico e suas publicações iniciais, utilizou-se a Biblioteca Eletrônica e Científica Online – SCIELO (Link: <https://www.scielo.br/j/reben/grid>) acesso aberto. Após entrar nesse link, buscou-se a opção de todos os números, no qual apresenta as publicações disponíveis desde o ano de 1972 a 2024.

Para o fichamento da bibliografia consultada, foi utilizado o modelo de ficha resumo apresentado por Amaral e Souza (2021), que aborda os seguintes elementos: a) referência, b) palavras-chave, c) objetivos, d) delineamento, e) local, f) participantes, g) medidas e principais resultados, h) comentários. Em acréscimo a esses elementos, foi também incluído: o ano, o volume e o número do periódico consultado.

Foram incluídos apenas os artigos que mencionaram direta ou indiretamente ‘Wanda Horta’ ou ‘Horta’, assim como aqueles que continham citações secundárias. Conforme Oliveira et al (2022), as citações são essenciais para a construção do discurso acadêmico-científico, sendo uma prática amplamente adotada na comunidade científica, pois, além de reconhecer o trabalho dos pesquisadores, contribuem para

a fundamentação teórica das pesquisas. Dessa forma, foram considerados somente os artigos que referenciavam ou citavam Wanda Horta.

Após uma triagem realizada por meio de leitura exploratória e seletiva, foram excluídos os artigos que, embora mencionassem as necessidades do paciente ou necessidades básicas, não faziam referência à Teoria de Wanda Horta. Em seguida, foi realizada a leitura completa e detalhada dos artigos selecionados, que foram classificados por tema e organizados em duas categorias: os que mencionaram diretamente Wanda Horta e os que abordavam a Teoria das Necessidades Humanas Básicas.

Entre maio e setembro de 2024, foram consultados 6.364 artigos disponibilizados remotamente, publicados entre 1972 e 2024. Desses, 276 mencionaram Wanda Horta, sendo que 169 faziam referência específica à Teoria das Necessidades Humanas Básicas. Esses dados evidenciam a relevância contínua da obra de Wanda Horta e de sua Teoria no campo da Enfermagem. De acordo com Santos et al (2022), desde sua introdução na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo em 1948, os princípios científicos de Wanda Horta permanecem relevantes e amplamente aplicados em diversos contextos de pesquisa na Enfermagem.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A busca pela solidificação da qualidade dos cuidados de enfermagem tem ganhado crescente relevância no cenário contemporâneo da saúde (Andrade et al, 2024). Nesse contexto, em janeiro de 2024, o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) publicou a Resolução nº 736/24, que estabelece a obrigatoriedade de implementação do Processo de Enfermagem (PE) em todos os contextos socioambientais onde os cuidados são prestados aos enfermeiros, técnicos e auxiliares. Essa nova normativa atualiza a Resolução nº 358/2009, diferenciando o Processo de Enfermagem da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). Enquanto a SAE se concentra nos aspectos gerenciais e organizacionais da prática assistencial, o PE é um conceito consolidado, diretamente direcionado à prática clínica e fundamentado no raciocínio crítico e nas teorias de enfermagem (Conselho Federal de Enfermagem, 2024).

O Processo de Enfermagem orienta o pensamento crítico e o julgamento clínico do enfermeiro, orientando a equipe de saúde no cuidado de indivíduos, famílias e grupos. Sua aplicação deve ser deliberada e sistemática em qualquer contexto de cuidado, sendo baseada em teorias e modelos de enfermagem, sistemas de linguagem padronizados, instrumentos de predição de risco e protocolos baseados em evidências. A formação de profissionais, seja em nível técnico, graduação ou pós-graduação, além da Educação Permanente, deve incluir temas que promovam

a qualificação necessária para a implementação eficaz do Processo de Enfermagem (PE) (Resolução COFEN nº 736, 2024).

Diante do fortalecimento da fundamentação do Processo de Enfermagem em teorias de enfermagem, conforme estabelecido pela Resolução COFEN nº 736, de 17 de janeiro de 2024, este estudo tem como objetivos identificar e discutir a produção científica relacionada à Teoria de Enfermagem de Wanda de Aguiar Horta, com ênfase em sua interface com a formação do enfermeiro.

Antes de explorar os princípios e conceitos de Wanda Horta na formação de enfermeiros, é fundamental destacar o crescimento substancial das publicações sobre o ensino de enfermagem na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) entre 1972 e 2024.

Em termos gerais, observou-se que, a partir de 2000, houve um aumento no número de publicações sobre a temática consultada, refletindo a crescente atenção acadêmica e a relevância contínua da pesquisa em enfermagem. Em 2000, foram consultados 102 documentos, representando um aumento significativo em relação ao ano anterior. Esse crescimento manteve-se nos anos subsequentes, com 132 documentos em 2002 e 135 em 2003. O ano de 2020 destacou-se com um pico notável de 593 documentos consultados, seguido por 426 em 2018 e 404 em 2021. Esse aumento exponencial na consulta de documentos evidencia não apenas o interesse crescente na área, mas também a expansão e diversificação das pesquisas em enfermagem.

Entende-se que o desenvolvimento da pesquisa é uma importante estratégia para o fortalecimento da Enfermagem como ciência e profissão, pois é importante e necessário exercer uma prática profissional sustentada por uma contínua busca de novos conhecimentos. E a competência para cuidar, pesquisando, educando e gerenciando, vem sendo desenvolvida na formação e no exercício profissional do enfermeiro (Erdmann e Lanzoni, 2008).

Nesse contexto, o enfermeiro resgata a escolha do referencial teórico e sua consequente articulação ao marco conceitual, os quais definem a estrutura do processo de enfermagem a ser implementado e testado na prática de cuidado. Assim, estabelece-se uma conexão sólida entre teoria, prática, pesquisa e cuidado (Neves e Zagonel, 2006). Segundo Oliveira (2001), nesse inter-relacionamento entre prática e teoria, é essencial que o profissional enfermeiro compreenda que um processo sistematizado de enfermagem se fundamenta em uma teoria que serve como guia para o trabalho profissional.

O conteúdo exposto na teoria de Horta fornece ao enfermeiro pesquisador, docente, administrador e assistencial subsídios para sua prática diária, uma vez que

o processo de enfermagem pode ser considerado como um guia para a construção de currículo, e para organizar e estruturar o cuidado de enfermagem (Marques; Moreira; Nóbrega, 2008).

No que tange às publicações que aplicaram o referencial de Wanda Horta (Quadro 1), verificou-se que, dos 276 artigos analisados, 5 foram escritos pela própria autora. Dos demais, 102 mencionam Horta direta ou indiretamente, seja pela aplicação de seus conceitos ou pelo reconhecimento de suas contribuições. Já 169 artigos abordam diretamente a teoria das Necessidades Humanas Básicas, ressaltando sua influência na prática profissional de enfermagem.

Resgatando o objetivo do estudo e considerando a contribuição da Teoria de Enfermagem segundo Wanda de Aguiar Horta, com ênfase na sua interface com o processo de formação do Enfermeiro, segundo a Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Superior (LDB, Senado Federal / DF, 2023), sobre a finalidade da educação superior, em seu Artigo 43, pode-se destacar que uma das finalidades é: “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive”. Além disso, frisa-se também, “suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração”.

De acordo com a Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, o artigo Art. 3º, que trata do perfil do formando egresso/profissional de enfermagem, espera-se que, o Enfermeiro, tenha sua formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, seja um profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes e que seja capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

Segundo a formação do enfermeiro, espera-se que o profissional tenha conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais, segundo o artigo 4º dessa mesma resolução:

- Atenção à saúde: com aptidão para desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo;

- Tomada de decisões: fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas;
- Comunicação: devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral;
- Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade;
- Administração e gerenciamento: devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;
- Educação permanente: devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2001) definem o caminho para assegurar a integração e a continuidade da assistência em todas as esferas do sistema de saúde. O trabalho de enfermagem, como elemento central no cuidado em saúde, envolve múltiplas atividades, incluindo cuidar/assistir, administrar/gerenciar, pesquisar e ensinar. Para desempenhar essas funções com eficácia, é essencial que o enfermeiro desenvolva competências baseadas em uma formação teórica sólida, complementada pelo desenvolvimento de habilidades práticas. Essas competências capacitam o profissional a identificar e acessar informações essenciais, garantindo padrões de qualidade na atenção à saúde e fundamentando suas ações e decisões (Peres e Ciampone, 2006).

Dessa forma, ao analisar 276 artigos selecionados e fazer um paralelo com as competências e habilidades gerais do enfermeiro, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (Resolução CNE/CES, 2001), foi possível identificar e agrupar os artigos a partir dos seguintes domínios:

Domínio 1 - Atenção à saúde, tomada de decisões e comunicação: apoiado no desenvolvimento de ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo, como também, aquisição de competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas e acessibilidade, manutenção da confiabilidade das informações.

Domínio 2 - Administração, gerenciamento e liderança: concentrado nas atividades de gestão, no compromisso, na responsabilidade, na empatia, na habilidade para tomada de decisões, na comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz.

Domínio 3 - Educação permanente: ênfase nas atividades de ensino e pesquisa, o profissional deve estar centrado na capacidade de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática.

A fim de apresentar quantitativamente os artigos selecionados na REBEn e sua correspondência por domínios, com as competências e habilidades gerais do enfermeiro, segundo a Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, foi proposto o quadro 1:

Domínios correspondentes às competências e habilidades do enfermeiro (Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001)	Referência a Wanda Horta	TNHB de Wanda Horta
Domínio 1: Atenção à saúde, tomada de decisões e comunicação	32	68
Domínio 2: Administração, gerenciamento e liderança	25	53
Domínio 3: Educação permanente	50	48
<b>Total:</b>	<b>107</b>	<b>169</b>

Quadro 1: Relação entre os domínios de competências e habilidades dos enfermeiros e a produção científica relacionada à Wanda Horta e a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta.

Fonte: A autora, 2024.

Para que uma enfermagem atue de forma eficiente, é essencial que desenvolva sua própria metodologia de trabalho, baseada no método científico, denominado Processo de Enfermagem (Horta, 1979). Conforme estabelecido pela Resolução COFEN nº 358/2009, atualizado pela Resolução COFEN nº 736/2024, o Processo de Enfermagem deve estar fundamentado em um suporte teórico consistente, que pode incluir Teorias e Modelos de Cuidado, entre outros referenciais. Esses elementos teóricos podem ser aplicados de forma integrada, fornecendo a necessidade básica para a prática profissional.

Como a enfermagem é uma disciplina prática, é essencial que se desenvolvam teorias que possam ser traduzidas para a prática, contribuindo para a evolução da profissão. Para que essa integração entre teoria e prática seja eficaz, é necessário realizar estudos que promovam a difusão e análise das teorias. Através desses estudos, é possível avaliar a viabilidade de aplicar o conhecimento teórico na prática profissional (Barros e Bispo, 2017).

Dessa forma, ao analisar 68 dos 100 artigos relacionados ao Domínio I, quadro 1, com foco na aplicabilidade do referencial teórico de Wanda Horta na atenção à saúde, constata-se que, conforme Santos et al (2013), teoria e prática estão profundamente interligadas e respaldadas por evidências científicas. As teorias de enfermagem são fundamentais para o cuidado à saúde dos usuários, pois oferecem explicações, descrições, predições e prescrições robustas, que sustentam a prática profissional em contextos complexos, como o Sistema Único de Saúde no Brasil.

Ante ao exposto, a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta destaca-se por sua abordagem abrangente das necessidades humanas no ciclo saúde-enfermidade, em todas as fases da vida (Araújo et al, 2020). Horta afirma que a falta de atendimento a essas necessidades pode gerar desequilíbrios hemodinâmicos, afetando o estado de saúde. As NHB são divididas em três categorias: psicobiológicas, psicosociais e psicoespirituais (Horta, 1979).

Com base na análise dos 68 artigos sobre a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta, referente ao Domínio 1: Atenção à Saúde, Tomada de Decisões e Comunicação, observa-se que a teoria tem ampla aplicabilidade em diversas áreas da enfermagem, como saúde coletiva, saúde da criança e do adolescente, saúde do adulto, saúde do idoso e em cenários de urgência/emergência. Essa teoria foi aplicada em diferentes contextos, incluindo hospitais, Atenção Primária à Saúde (APS) e cuidados domiciliares, demonstrando sua adaptabilidade para atender às necessidades de grupos etários variados, desde recém-nascidos até idosos.

A partir dos artigos analisados, nota-se que a Teoria de Horta teve um impacto significativo na prática de enfermagem ao longo das décadas. No estudo de Horta e Kamiyama (1973), a satisfação dos pacientes hospitalizados com a assistência de enfermagem foi avaliada, revelando que apenas 7,7% estavam plenamente satisfeitos. Fatores como a administração de medicamentos e cuidados personalizados eram os mais valorizados, enquanto a pesquisa destacou uma insatisfação geral, sugerindo que as necessidades básicas não estavam sendo adequadamente atendidas, afetando negativamente o bem-estar dos pacientes. Esse estudo é um exemplo claro da importância da Teoria de Horta para identificar e melhorar as falhas no cuidado de enfermagem.

Duarte e Muxfeldt (1975), aplicaram a Teoria de Horta no Programa de Saúde Materna do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, focando nas necessidades psicobiológicas e psicossociais das gestantes. Esse enfoque resultou em uma assistência eficaz e humanizada, tanto para gestantes de baixo risco quanto de alto risco. De forma semelhante, o estudo de Campos, Machado e Moriya (1976) utilizou a teoria em visitas domiciliares no contexto da saúde familiar, sistematizando o cuidado a famílias com problemas de hipertensão e dificuldades socioeconômicas, mostrando a relevância da Teoria de Horta na saúde coletiva.

O estudo de Camarú et al (1978) aplicou a teoria em um programa de reabilitação, destacando o papel central da enfermeira na educação e no treinamento dos pacientes. A abordagem foi ampliada para o cuidado de pacientes em fase terminal no estudo de Ferraz et al (1986), que reforçou a importância de uma abordagem humanizada ao tratar necessidades psicobiológicas, psicossociais e psicoespirituais desses pacientes.

Estudos mais recentes também reafirmam a relevância da Teoria de Horta. O estudo de Duarte, Ayres e Simonetti (2008) relatou a experiência da consulta de enfermagem a portadores de hanseníase em uma unidade de atenção primária, utilizando instrumentos adaptados do processo de enfermagem de Wanda Horta. A consulta sistemática permitiu uma abordagem integral, focada nas necessidades biopsicossociais dos pacientes, promovendo autonomia e autocuidado. Buffon et al (2022) destacaram a importância da teoria no tratamento de pacientes críticos com COVID-19, onde a sistematização do cuidado foi essencial para a gestão da equipe de enfermagem e intervenções adequadas.

Um dos exemplos relevantes no cuidado a recém-nascidos pode ser encontrado nos estudos de Inácio et al (2010) e Silva et al (2013), que compartilharam o foco na identificação de diagnósticos de Enfermagem em recém-nascidos, especialmente no contexto da amamentação. Ambos utilizaram a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta como base para a coleta de dados e para a estruturação do cuidado. Esses estudos destacaram a importância da sistematização da assistência de enfermagem para promover um cuidado qualificado e humanizado às mães e aos recém-nascidos em unidades de alojamento conjunto.

No campo da saúde infantil, o estudo de Rodrigues et al (2022) utilizou a CIPE® para desenvolver um protocolo de cuidados de enfermagem para crianças submetidas a transplante de células-tronco hematopoiéticas. Baseado na Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta, o protocolo identificou 40 problemas de enfermagem e suas respectivas intervenções. A aplicação da CIPE® organizou e sistematizou o cuidado, melhorando a segurança dos pacientes e

fortalecendo a prática profissional por meio de uma terminologia padronizada e científicamente embasada.

Em relação à saúde do adulto e do idoso, Neves (2006) mostrou que a hierarquização das necessidades humanas básicas, proposta por Horta, permitiu um planejamento eficiente das ações de enfermagem em pacientes neurológicos em reabilitação. Da mesma forma, Reppetto e Souza (2005) avaliaram a implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) em unidades de terapia intensiva, destacando a importância da Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta como base para identificar as necessidades dos pacientes.

A Sistematização da Assistência de Enfermagem, que na literatura é identificada como um instrumento que qualifica a assistência de enfermagem, é apontada tanto como um instrumento assistencial como um instrumento gerencial do trabalho do enfermeiro (Hausmann, 2006). De acordo com Barros et al (2023), o processo de 'assistir' tem como foco o cuidado de indivíduos, famílias e comunidades, enquanto o processo de 'administrar' se refere à utilização de recursos materiais e à mobilização de pessoas para a efetivação do processo de assistir. Em ambos os processos, o enfermeiro atua como o agente central, embora empregue diferentes instrumentos e busque objetivos distintos ao longo do tempo.

Nesse contexto, com as contribuições das teorias, a Enfermagem passou a experimentar a sistematização de melhores práticas de cuidado. Destacam-se importantes avanços, especialmente no que se refere à preocupação com regras e normas que detalham o passo a passo dos procedimentos, seus movimentos e tempos, a divisão do trabalho na equipe de enfermagem, além de rotinas, protocolos e escalas diárias. Um exemplo relevante é a teoria de Wanda Horta, que trouxe as necessidades humanas básicas como base para a sistematização do processo de enfermagem (Silva, 2023, p.29).

Referente ao Domínio 2 - Administração, gerenciamento e liderança é possível identificar a influência da gerência do cuidado de enfermagem em sua concepção teórica. Essa influência envolve uma relação dialética entre o saber-fazer gerencial e o saber-fazer assistencial. A dialética entre esses termos estabelece um conjunto de relações que resultam em um processo dinâmico, situacional e sistêmico, articulando os saberes da gerência e do cuidado. Essa articulação possibilita a criação de uma interface entre ambos na prática profissional (Christovam; Porto; Oliveira, 2012).

Estudos como o de Paim (1976) destacaram a importância da sistematização dos registros de enfermagem para garantir a continuidade e segurança do cuidado, fortalecendo a autonomia dos enfermeiros. Já Koch et al (1977) e Neves (1982) discutiu como a coadministração de cuidados em unidades hospitalares, baseada

nos princípios de Horta, contribuiu para a melhor organização das equipes de enfermagem e a comunicação eficiente entre profissionais.

Nos anos 2000, a tecnologia começa a desempenhar um papel essencial no gerenciamento de enfermagem. O estudo de Évora e Dalri (2002) mostrou que a informatização dos processos gerenciais e assistenciais resultou em uma prática mais sistemática e organizada, facilitando a documentação e o atendimento individualizado. Estudos mais recentes, como o de Rodrigues et al (2020), validaram ferramentas gerenciais voltadas para o cuidado pediátrico, enquanto Melo et al (2020) desenvolveram um aplicativo móvel para auxiliar no diagnóstico e histórico de enfermagem, otimizando a coleta de dados e a tomada de decisões.

Nishio et al (2021) demonstraram a relevância de um modelo de gestão eficaz ao implantarem processos assistenciais em hospitais, resultando em melhorias no atendimento e na redução de infecções hospitalares. Lima et al (2022) também trouxeram contribuições com a padronização da linguagem de enfermagem através da CIPE®, facilitando a tomada de decisões na Atenção Primária à Saúde.

Finalmente, o estudo de Sá et al. (2024) destacou o desenvolvimento de uma tecnologia voltada para o cuidado em Unidade de Terapia Intensiva Materna, utilizando a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta. O histórico de enfermagem foi estruturado para abranger as necessidades humanas básicas, resultando na elaboração de diagnósticos de enfermagem específicos para o contexto da terapia intensiva. Esse estudo validou a aplicação da teoria de Horta na organização e sistematização dos cuidados intensivos, demonstrando sua eficácia na gestão de casos críticos e complexos.

Cabe ainda registrar que, o ensino de graduação em enfermagem ainda sofre forte influência do modelo tradicional. O dualismo existente entre teoria e prática é comumente um dos fatores destacados como obstáculos na construção de conhecimentos específicos e de uma visão crítica (Silva et al, 2014). Assim, é necessário compreender a aplicação de teorias que possam contribuir para promover transformações no ensino, estruturadas por meio da problematização do processo de trabalho, visando a transformar as práticas profissionais, organizar o trabalho e fortalecer o próprio saber da Enfermagem (Sousa et al, 2015).

Nesse contexto, o Domínio 3 - Educação Permanente destaca a importância de um aprendizado contínuo, com os profissionais de saúde assumindo a responsabilidade pela formação das futuras gerações. O curso de Graduação em Enfermagem deve ser estruturado com um projeto pedagógico coletivo, centrado no aluno como protagonista, com o professor como facilitador. A metodologia deve seguir o princípio de ação-reflexão-ação, integrando ensino, pesquisa e extensão, com ênfase na investigação científica e no desenvolvimento do pensamento crítico, promovendo um aprendizado mútuo entre profissionais e alunos (Conselho Nacional de Educação, 2001).

Com base nesse princípio, observa-se o avanço significativo da Educação Permanente na formação do enfermeiro, especialmente na relação entre teoria e prática. O estudo de Araújo e Horta (1978) destacou a importância da integração entre ensino e serviço, enfatizando o impacto dos valores espirituais na percepção dos estudantes de enfermagem sobre a prática assistencial. A pesquisa demonstrou como esses valores influenciam as atitudes dos futuros profissionais, sugerindo a necessidade de uma maior inclusão desses aspectos na formação acadêmica. Além disso, o estudo de Paula et al (1978) aplicou a metodologia de ensino orientada por problemas, desenvolvendo nos alunos a capacidade de identificar e resolver questões de enfermagem de forma sistemática, promovendo a integração entre a prática e o aprendizado teórico.

Nos anos 2000, Almeida (2004) analisou o processo de ensino-aprendizagem do diagnóstico de enfermagem e reforçou a importância do desenvolvimento de competências específicas para a prática clínica. A teoria de Horta foi utilizada como base para o ensino de diagnósticos de enfermagem, demonstrando sua relevância na formação contínua dos profissionais.

Mais recentemente, Taffner et al (2022) realizaram um estudo bibliométrico que identificou a utilização das teorias de enfermagem em teses e dissertações brasileiras, com destaque para a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta. Esse estudo revelou que 8% das dissertações analisadas utilizaram essa teoria como referencial teórico, confirmado sua importância na construção do conhecimento em enfermagem e na educação permanente dos enfermeiros.

O estudo de Lima et al (2023) reforçou a aplicação prática das teorias de enfermagem no cuidado ao paciente com acidente vascular cerebral (AVC), demonstrando como a teoria de Horta facilitou a identificação das necessidades psicobiológicas, psicossociais e psicoespirituais dos pacientes. Essa integração entre teoria e prática reflete o compromisso com a educação contínua, que é fundamental para aprimorar o cuidado ao paciente e promover uma assistência mais humanizada.

As análises teóricas sobre a Educação permanente deixam claro que, no cenário atual, não é mais viável formar profissionais com foco exclusivo na racionalidade técnica, amplamente contestada nos dias de hoje. Essa questão é frequentemente observada em cursos da área da saúde, como o de Enfermagem, que requerem ajustes em seus projetos pedagógicos e práticas docentes, visando melhorar as condições de formação e facilitar a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Para garantir um ensino de maior qualidade, capaz de atender às necessidades de discentes e docentes, é imprescindível adotar novas abordagens pedagógicas que promovam o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo,

atendendo assim às demandas contemporâneas da educação em Enfermagem (Nóbrega-Therrien et al, 2010).

As teorias de enfermagem proporcionam ao graduando uma oportunidade de reflexão, possibilitando a conexão entre as atividades práticas e os conceitos teóricos da área. Isso confere significado às ações e facilita a avaliação da prática profissional. A compreensão do suporte teórico oferecido pelas teorias permite ao aluno ressignificar o cenário didático e identificar seu potencial transformador nas ações de cuidado (Santos et al, 2019)

A Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta exige uma compreensão profunda das necessidades dos pacientes e do processo de enfermagem, servindo como um protocolo clínico que facilita a coleta sistemática de dados individualizados. Essa sistematização permite ao enfermeiro priorizar problemas e garantir a continuidade do cuidado, com flexibilidade para ser aplicada em diferentes contextos, como hospitais e consultas ambulatoriais (Marques; Moreira; Nóbrega, 2008).

Além das competências e habilidades gerais — como atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração, gerenciamento e educação permanente — previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2001) do Curso de Graduação em Enfermagem, é igualmente importante considerar as competências e habilidades específicas do enfermeiro, também fundamentadas nas DCNs.

Ao agrupar essas competências e habilidades específicas, observam-se padrões e conexões que estruturam e sustentam a prática profissional da enfermagem. A seguir, os tópicos são agrupados conforme suas principais categorias:

- I. Compreensão da natureza humana e do contexto social: atuar compreendendo a natureza humana em suas dimensões e fases evolutivas; estabelecer relações com o contexto social, reconhecendo suas transformações; e reconhecer as relações de trabalho e sua influência na saúde.
- II. Cuidado integral e assistência à saúde: incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento profissional; atuar em programas de assistência integral à saúde em todas as fases da vida; e adaptar as intervenções às especificidades regionais e promover a saúde integral.
- III. Formação técnico-científica e tomada de decisão: desenvolver uma formação técnico-científica de qualidade; diagnosticar e resolver problemas de saúde, tomando decisões eficazes; e considerar a relação custo-benefício nas decisões em saúde.

IV. Políticas de saúde e direitos humanos: compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais; e reconhecer a saúde como direito e garantir a integralidade da assistência.

V. Liderança, gestão e educação permanente: atuar na formação de recursos humanos; coordenar equipes de enfermagem com compromisso ético e humanístico.

Ao analisar esses tópicos à luz da Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta, percebemos que cada tema reflete princípios fundamentais dessa teoria, oferecendo uma base sólida para a prática do enfermeiro.

A compreensão da natureza humana e do contexto social é amplamente discutida na literatura. Comarú (1975) explora a atuação da enfermagem na prevenção de limitações físicas, destacando uma abordagem humanista, crucial para garantir a funcionalidade do paciente durante a hospitalização e para formar um profissional crítico e reflexivo. De maneira semelhante, Oliveira e Tavares (2014) aplicam a Teoria de Horta ao avaliar as condições de saúde de idosos em Instituições de Longa Permanência, reforçando a importância de uma atenção multidimensional para melhorar a qualidade de vida dessa população.

No campo do cuidado integral e assistência à saúde, Guimarães (1978) enfatiza a importância de um cuidado holístico e integrado, que atenda tanto às necessidades físicas quanto emocionais dos idosos. Mata e Shimo (2019) complementam essa visão ao mostrar como a Teoria de Horta, através da técnica da Arte da Pintura do Ventre Materno, continua a promover uma abordagem humanista e holística, integrando as dimensões físicas, emocionais e sociais das gestantes.

Com relação à formação técnico-científica e tomada de decisão, Horta (1972) discute o diagnóstico de enfermagem com base na classificação da dependência dos pacientes, modelo essencial para a promoção e reabilitação da saúde. Teston et al (2018) acrescentam que a Teoria de Horta estrutura ações educativas eficazes e aprimora a prática na Atenção Primária à Saúde, especialmente no cuidado de pacientes com Diabetes Mellitus.

Quanto às políticas de saúde e direitos humanos, Neves et al. (1982) destacam a reinserção social de pessoas com deficiência, sublinhando o papel do enfermeiro na liderança e no gerenciamento dos cuidados para garantir a inclusão social. Silva e Silva (2010) discutem o caso de uma paciente com coriocarcinoma gestacional, evidenciando como a Teoria de Horta foi fundamental para garantir um cuidado humanizado e individualizado, atendendo tanto às necessidades fisiológicas quanto emocionais da paciente.

No campo da liderança, gestão e educação permanente, Costa (1978) ressalta a importância da educação contínua para enfermeiros, utilizando a Teoria de Horta como base para uma formação eficiente. Benedet et al (2018) reforçam o papel da teoria na profissionalização da enfermagem, mostrando como a participação política e o compromisso dos enfermeiros foram cruciais para a implantação do Processo de Enfermagem na UFSC, superando a falta de conhecimento e a resistência multiprofissional. Da mesma forma, Dias, Cunha e Amorim (2005) analisam o Programa de Saúde da Família, aplicando a Teoria de Horta para compreender as necessidades da comunidade e desenvolver estratégias eficazes de saúde.

Dessa forma, a influência de Wanda Horta continua a ser profundamente sentida tanto na prática diária da enfermagem quanto na formação de novos profissionais. Sua ênfase em um cuidado centrado no paciente e na compreensão das necessidades humanas básicas se alinha perfeitamente com as práticas contemporâneas de saúde, que priorizam a humanização do atendimento. Mesmo após seu falecimento, em 13 de novembro de 1981, o legado de Wanda Horta permanece vivo, orientando enfermeiros no Brasil e ao redor do mundo. Sua obra é um constante lembrete da importância do cuidado, da empatia e da ciência no exercício da enfermagem (Coren-Pr, 2024).

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi possível identificar a importância da Teoria das Necessidades Humanas Básicas, desenvolvida por Wanda de Aguiar Horta, como um marco fundamental para a prática e formação do enfermeiro no Brasil. Esta teoria, que se baseia em uma visão holística do ser humano, integra as dimensões psicobiológica, psicossocial e psicoespiritual, destacando a complexidade das necessidades humanas e a inter-relação dessas esferas na promoção do cuidado integral.

No contexto da formação acadêmica, a NHB oferece subsídios cruciais para o desenvolvimento de competências que ultrapassam as práticas técnicas, enfatizando o cuidado centrado no ser humano em todas as suas dimensões. A aplicação dessa teoria na formação de enfermeiros fomenta uma prática baseada em evidências científicas, promovendo a tomada de decisões que priorizam a integridade e a individualidade de cada paciente. Além disso, o modelo de Horta inspira os futuros profissionais a desenvolverem uma postura crítica e reflexiva, essencial para uma atuação eficaz e humanizada na realidade complexa dos sistemas de saúde contemporâneos.

Os resultados deste estudo evidenciam que a integração entre teoria e prática na formação acadêmica de enfermagem, por meio do referencial de Horta, tem o potencial de transformar a qualidade da assistência prestada, fortalecendo tanto

a autonomia profissional quanto a capacidade de adaptação às demandas sociais e de saúde emergentes.

Conclui-se, portanto, que a TNHB não apenas permanece relevante, como também se apresenta como uma ferramenta indispensável para a consolidação de uma prática de enfermagem que valoriza o ser humano em sua totalidade, contribuindo de forma decisiva para a excelência no cuidado à saúde.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G. M. L. Assistência de enfermagem fundamentada na teoria das necessidades humanas básicas nos serviços de atendimento móvel de urgência. Cuité: CES, 2014.

Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/9608/3/GEORGIA%20MAYARA%20OLEANDRO%20ALVES%20-%20TCC%20BACHARELADO%20EM%20ENFERMAGEM%20CES%202014.pdf> Acesso em: 25 mai. 2024.

ALVES, K. Y. A. et al. Vivenciando a Classificação Internacional de Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva: Relato de Experiência. Esc Anna Nery, v. 17, n. 2, p. 381-388, abr-jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/cPWg7GkQ8XHc6Jq6DjhYGpd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2024.

AMARAL, J. J. F. do; SOUZA, M. N. A. de. Pesquisa bibliográfica para a área da saúde. 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/58544/1/2021\\_liv\\_jjfamaral.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/58544/1/2021_liv_jjfamaral.pdf). Acesso em: 12 jun. 2024.

AMARAL, M. C. S. do; PONTES, A. G. V.; SILVA, J. V. e. O ensino de Educação Popular em Saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 18, p. 1547-1558, 2014. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/icse/2014.v18suppl2/1547-1558/pt>. Acesso em: 20 maio 2024.

ANDRADE, M. de, et al. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre a prescrição do enfermeiro: relato de experiência. Revista Varia Scientia – Ciências da Saúde, v. 10, n. 1, 2024. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/variasaude/article/view/33043/23764>. Acesso em: 22 set. 2024.

ARAÚJO, C. P. de; HORTA, W. A. O significado psicológico de palavras relacionadas a valores espirituais entre estudantes de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 31, p. 93-100, 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/c9n9Mx8kzWNcJZXwCS7SKg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

ARAÚJO, T. M. de. et al. Diagnósticos de enfermagem para pacientes em risco de desenvolver úlcera por pressão. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, n. 4, p. 671-676, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ypPVVLnxGGBQjgN9zj9QPfd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

ASSAD, L. G.; VIANA, L. O. Saberes práticos na formação do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), v. 56, n. 1, p. 44-47, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vVkp7BQvMvtf9nvtLhzGqb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM (ABEn). Estatuto da Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília: ABEn, 2018. Aprovado em Sessão Extraordinária da Assembleia Nacional de Delegados, realizada em 04 de junho de 2018, na cidade de Florianópolis-SC, revogando a versão anterior. Disponível em: <https://abennacional.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Estatuto-ABEn-FINAL.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

BARROS, A. C. L. et al. Conceitos de gestão e gerência do cuidado de enfermagem: revisão de escopo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 76, n. 1, p. e20220020, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/SJmVHnsWWP57SSBtZhy6Fbz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2024.

BARROS, A. L. B. L. de; BISPO, G. S. Teorias de enfermagem: base para o processo de enfermagem. Anais do Encontro Internacional do Processo de Enfermagem, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Gisele-Hirano/publication/324614913\\_Teorias\\_de\\_enfermagem\\_base\\_para\\_o\\_processo\\_de\\_enfermagem/links/5f73731a299bf1b53effab6f/Teorias-de-enfermagem-base-para-o-processo-de-enfermagem.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Gisele-Hirano/publication/324614913_Teorias_de_enfermagem_base_para_o_processo_de_enfermagem/links/5f73731a299bf1b53effab6f/Teorias-de-enfermagem-base-para-o-processo-de-enfermagem.pdf). Acesso em: 25 ago. 2024.

BENEDET, S. A. et al. O profissionalismo exemplar na implementação do Processo de Enfermagem (1979-2004). *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 4, p. 1907-1914, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VmrJ4zCzS3sQL8S73tjBf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

BOUSSO, R. S.; POLES, K.; CRUZ, D. A. L. M. da. Conceitos e teorias na enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 1, p. 144-148, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/BpDkhRpD4mz5mw39sm6bQkJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. 64 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB\\_7ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf). Acesso em: 18 set. 2024

BUFFON, M. R. et al. Pacientes críticos com COVID-19: perfil sociodemográfico, clínico e associações entre variáveis e carga de trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, Suppl. 1, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/4ZZNyTTN5DZjmBPqCrTX7Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

CAMPOS, E.; MACHADO, M. H.; MORIYA, T. M. Tentativa de um diagnóstico de enfermagem da família. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 29, p. 25-27, 1976. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/DrdgnfS6fVsbWKJcJvMGgQy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2024.

CHRISTOVAM, B. P.; PORTO, I. S.; OLIVEIRA, D. C. de. Gerência do cuidado de enfermagem em cenários hospitalares: a construção de um conceito. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 3, p. 734-741, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/5FVLGNZM4kHDGkFKMdRtMM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2024.

COMARÚ, M. N. Paciente hospitalizado: atuação da enfermeira na prevenção de limitações físicas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 28, p. 22-29, 1975. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/D3s4X9YpcYDgkSdzy6sFRMG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2024.

COMARÚ, M. N., e Colaboradoras. Participação da(o) enfermeira(o) num programa de reabilitação: Relatório de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 31, p. 237-242, 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/v6nZ78DGNhHRPBnZ9kgfzSm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Cofen atualiza resolução sobre implementação do Processo de Enfermagem. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/cofen-atualiza-resolucao-sobre-implementacao-do-processo-de-enfermagem/>. Acesso em: 22 set. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN Nº 577, de 05 de junho de 2018. Atualiza, no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para Registro de Títulos de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu concedido a Enfermeiros e aprova a lista das especialidades. *Diário Oficial da União*, Brasília (DF); 2018. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Resolu%C3%A7%C3%A3o-Cofen-577-2018.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN nº 736, de 17 de janeiro de 2024. Atualiza a normatização sobre o Processo de Enfermagem. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-736-de-17-de-janeiro-de-2024/>. Acesso em: 22 set. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Câmara de Educação Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

COSTA, J. J. da; SILVEIRA, K. G. da; OLIVEIRA, C. M. B. de. Assistência de enfermagem fundamentada na teoria das necessidades humanas básicas e nos princípios de Paulo Freire em um serviço de atendimento móvel de urgência - SAMU. Relatório da Prática Assistencial – Curso de Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30396966.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.

COSTA, L. A. T. e Colaboradoras. Integração ensino-serviço: estudo preliminar na UNB. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 31, p. 222-236, 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/bTVznTxVf5XVDMXkJcdBwt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

COSTA, M. J. C. Atuação do enfermeiro na equipe multiprofissional. Revista Brasileira de Enfermagem , v. 31, p. 321-339, 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/bktTZrGWj8Bn8v9nMxd5QJc/#>. Acesso em: 26 set. 2024.

COSTA, R. K. S.; MIRANDA, F. A. N. de. Opinião do graduando de enfermagem sobre a formação do enfermeiro para o SUS: uma análise da FAEN/UERN. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 39-47, jan.-mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/NGG7FMNv4mrN8Bhyqqbng7k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2024.

CROSSETTI, M. G. O.; WALDMANN, B. F. Estudo sobre a composição dos registros de enfermagem pelos acadêmicos em um hospital de ensino. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 45, n. 2/3, p. 122-128, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/d3yJPqHzY35Xhy34v8JHHDt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

DIAS, C. M. M. A liderança em enfermagem: Estudo do líder, do liderado e da motivação. Dissertação (Mestrado em Ciências de Enfermagem) - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, 2001. Orientador: Prof. Doutor Agostinho Ribeiro. Disponível em: [https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9931/6/3874\\_TM\\_01\\_C.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9931/6/3874_TM_01_C.pdf). Acesso em: 30 maio 2024.

DIAS, M. A. E.; CUNHA, F. T. S.; AMORIM, W. M. de. Estratégias gerenciais na implantação do Programa de Saúde da Família. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 58, n. 5, p. 513-518, set./out. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/TkBXV6WGxqrFfHxW5TYfvnL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

DUARTE, M. T. C.; AYRES, J. A.; SIMONETTI, J. P. Consulta de enfermagem ao portador de hanseníase: proposta de um instrumento para aplicação do processo de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 61, esp., p. 767-773, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kM4G7ZxqTkmZLVYgTH66HYy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024

DUARTE, N. M. N.; MUXFELDT, L. C. O papel da enfermeira na assistência à gestante sadia. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 28, p. 70-74, 1975. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/z9WjLjf3j6xPKXJwq9fRfYf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2024.

ERDMANN, A. L.; LANZONI, G. M. M. Características dos grupos de pesquisa da enfermagem brasileira certificados pelo CNPq de 2005 a 2007. Escola Anna Nery, v. 12, p. 316-322, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/yc4BG9kSJZBksrVfGsLztPz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2024.

ÉVORA, Y. D. M.; DALRI, M. C. B. O uso do computador como ferramenta para a implantação do processo de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 55, n. 6, p. 709-713, nov./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/hdr7DB8FyBD7gQ6XDHR853G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

FERNANDES, J. D. et al. Ensino da Enfermagem Psiquiátrica/Saúde Mental: sua interface com a Reforma Psiquiátrica e Diretrizes Curriculares Nacionais. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 962-968, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/nxZzmDs4TTzYVX4TCyFhrZh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2024.

FERRAZ, A. F. et al. Assistência de enfermagem a pacientes em fase terminal. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 39, n. 1, p. 50-60, jan./mar. 1986. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/qDJwXt5xVrw4wzRqXPcYQXF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

GABRIEL, C. S. et al . Qualidade na assistência de enfermagem hospitalar: visão de alunos de graduação. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS), v. 31, n. 3, p. 529-535, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/wjYBbYh5r9XwFpwCWqPSWtD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2024.

GALLEGUILLOS, T. G. B.; OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 35, n. 1, p. 80-87, mar. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/RRB45WdzWyTHRjNGkN8scs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

GOMES, V. L. D. O. et al. Evolución do conocimiento científico na enfermagem: do cuidado popular à construcción de teorías. Investigación y Educación en Enfermería, v. XXV, n. 2, p. 108-115, 2007. ISSN 0120-5307. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo oa?id=105215257010>. Acesso em: 23 abr. 2024

GUIMARÃES, D. A.; SILVA, E. S. da. Formação em ciências da saúde: diálogos em saúde coletiva e a educação para a cidadania. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. 5, p. 2551-2562, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/NWj3xtf6N4sn48Gj796Bdnp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

GUIMARÃES, R. M. M. Assistência a um paciente geriátrico: Estudo de caso. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 31, p. 542-566, 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/mRVG8QW5fdvk3VTJDKGLcfR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

HAUSMANN, M. Análise do processo de trabalho gerencial do enfermeiro em um hospital privado no município de São Paulo: possibilidades para o gerenciamento do cuidado. *Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006*. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7131/tde-03102006-102248/publico/Monica\\_Hausmann.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7131/tde-03102006-102248/publico/Monica_Hausmann.pdf). Acesso em: 07 set. 2024.

HORTA, W. A. *Processo de enfermagem*. São Paulo: EPU, 1979.

HORTA, W. A.; KAMIYAMA, Y. Estudo preliminar sobre o grau de satisfação do paciente hospitalizado em relação à assistência de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 26, n. 1-2, p. 82-92, 1973. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gwdNCrDnMQbk9G64WwKvM4d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2004.

INÁCIO, C. C. N. et al. Diagnósticos de enfermagem em unidades de alojamento conjunto. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 63, n. 6, p. 894-898, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/8xXK5s93WRzzGZcNFxSTJtZ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

KOCH, R. M.; OKA, L. N. Processo de enfermagem: avaliação feita pelos alunos do departamento de enfermagem da UCP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 30, p. 274-285, 1977. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/sttw6RBK4ZKDTvdhnrjtKYF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

LEOPARDI, M. T. *Metodologia da pesquisa na saúde*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

LIMA, J. N. de. et al. Teorias de enfermagem no cuidado ao paciente vítima de acidente vascular cerebral: revisão de escopo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 76, n. 5, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5gpyFWQ3nrpd3J6kpJZNfyD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

LIMA, S. G. S. e. et al. Consulta de enfermagem na Estratégia Saúde da Família e a percepção do enfermeiro: Teoria Fundamentada. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 4, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vzpnbrxRsKXW6fwD7LdXGnq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

MADEIRA, L. S. Processo de Enfermagem em UTI: implantando etapas para integralizar o sistema de assistência. 2003. *Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003*. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1785/1/2003\\_dis\\_lsmadeira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1785/1/2003_dis_lsmadeira.pdf). Acesso em: 23 abr. 2024.

MARQUES, D. K. A.; MOREIRA, G. A. C.; NÓBREGA, M. M. L. da. Análise da Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Horta. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, [S.I.], v. 2, n. 4, p. 481-488, out./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5362/4581>. Acesso em: 18 maio 2024.

MARTINS, T. C. T. et al. A importância da teoria de necessidades humanas básicas no cuidado ao paciente hospitalizado no setor de urgência e emergência: um relato de experiência. *Anais do 13º Congresso Internacional da Rede Unida*. 2018. Disponível em: <http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/2193>. Acesso em: 18 maio 2024.

MATA, J. A. L. da; SHIMO, A. K. K. Arte da pintura do ventre materno: termo, conceito e técnica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, Suppl. 3, p. 37-45, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/yjntxVQLKHFJYp5VzKzkQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

MATOS, J. C. de. et al. Ensino de teorias de enfermagem em Cursos de Graduação em Enfermagem do Estado do Paraná – Brasil. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 23-28, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/gTFbpjqJVQBqYgPgyRvyRmw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2024.

MATTA, G. C. Princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. EPSJV, 2007. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/39223/?sequence=2>. Acesso em: 19 maio 2024.

MELO, E. B. M. de. et al. Construção e validação de aplicativo móvel para o desenvolvimento de histórico e diagnóstico de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, Suppl. 6, e20190674, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/rYMD46kz6zDRNsHkPDLvyMy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

MELO, S. C. C. et al. Práticas complementares de saúde e os desafios de sua aplicabilidade no hospital: visão de enfermeiros. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 66, n. 6, p. 840-846, nov./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/3YZ8t5nq9h39JsR7BP98TDn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MERINO, M. F. G. L. et al. Teorias de enfermagem na formação e na prática profissional: percepção de pós-graduandos de enfermagem. *Revista Rene*, v. 19, e3363, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33662/1/2018\\_art\\_mfglmerino.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33662/1/2018_art_mfglmerino.pdf). Acesso em: 23 abr. 2024.

MESSIAS, C.M. et al. Consulta de enfermagem com abordagem sindrômica: perspectivas do ensino por enfermeiros. *Revista Fundamentos do Cuidado Online*, v. 337-344, 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/7109/pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MOHANA, J. *Padres e bispos auto-analisados*. São Paulo: Loyola, 2004.

MÜLLER, A. R. Reflexão crítica acerca do Sistema Único de Saúde - SUS na formação profissional: ponto de vista de acadêmicos de enfermagem. 2002. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://www.tede.ufsc.br/teses/PNFR0395.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

NETTO, L.; SILVA, K. L. Prática reflexiva e o desenvolvimento de competências para a promoção da saúde na formação do enfermeiro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, e03383, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/hsXLDY4Pc39W83Tk3SXwpF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

NEVES, E. P.; ZAGONEL, I. P. S. Pesquisa-cuidado: uma abordagem metodológica que integra pesquisa, teoria e prática em enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, v. 11, n. 1, p. 73-79, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648986012.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2024.

NEVES, R. S. Sistematização da Assistência de Enfermagem em Unidade de Reabilitação segundo o Modelo Conceitual de Horta. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 4, p. 556-559, jul.-ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nQfD7kj7GSG7kQTwKf7KY7Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

NEVES, T. A.; CAMARGO, C. A.; COMARÚ, M. N. Alguns aspectos que fundamentam a assistência de enfermagem a pacientes em tração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 29, p. 56-63, 1976. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/8fv7hcbfsr5WHc49vBfm5Qm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

NEVES, T. A. e Colaboradores. O papel do(a) enfermeiro(a) do trabalho na reinserção social da pessoa com deficiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 35, p. 192-199, 1982. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Y6kLnXyvmwYLk7c6hqB7sSQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

NISHIO, E. A. et al. Implantação do Modelo de Gestão de Serviços de Enfermagem em 16 hospitais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/QLpS4BhdLmkmwHfHNqHpgJm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

NÓBREGA-THERRIEN, S. M. et al. Projeto Político Pedagógico: concepção, construção e avaliação na enfermagem. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, n. 3, p. 679-686, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/jHFMTTYLdHRKfpNXssQ7YjP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2024.

OLIVEIRA, I. B.; ROCHA, R. P. F. A importância do conhecimento teórico-prático. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/16991/1/21908825.pdf>. Acesso em: 11 maio 2024.

OLIVEIRA, M. A. C. (Re)significando os projetos cuidativos da Enfermagem à luz das necessidades em saúde da população. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 65, n. 3, p. 401-405, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/FHDj7hq56rTjLt9pq9NLJZg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2024.

OLIVEIRA, P. B. de; TAVARES, D. M. S. Condições de saúde de idosos residentes em Instituição de Longa Permanência segundo necessidades humanas básicas. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 67, n. 2, mar.-abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cKPSY3ZX6RDn3TKGps33mTn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

OLIVEIRA, R. M. de; FASSARELLA, C. S. A inovação na formação: a importância do conhecimento acadêmico sobre sistematização da assistência de enfermagem. Cuid. fundam. online, Rio de Janeiro, v. 2, Ed. Supl., out./dez. 2010. Disponível em: [https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/1070/pdf\\_239](https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/1070/pdf_239). Acesso em: 23 abr. 2024.

PAIM, L. Plano assistencial e prescrições de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 29, p. 66-82, 1976. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/XtBt7ZtGpLq6G4SG8d45znc/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 26 set. 2024.

PAULA, N. S. e colaboradoras. Processo de enfermagem orientado para os problemas do paciente: iniciação de ensino em fundamentos de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 31, p. 101-113, 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ngxSXPFXnc7VdrYFk3ZvpNd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

PAULINO, C. R. R. A motivação dos alunos do 2º ano de Enfermagem da Universidade Fernando Pessoa na execução de cuidados à população idosa. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Enfermagem), Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2011. Disponível em: [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2731/6/T\\_18141.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2731/6/T_18141.pdf). Acesso em: 29 mai. 2024.

PEREIRA, G. S. et al. Estágio curricular em enfermagem na unidade de saúde da família baiana: relato de experiência. Revista de Enfermagem UFPE Online, Recife, v. 10, n. 5, p. 1877-1883, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/13569>. Acesso em: 18 maio 2024.

PERES, A. M.; CIAMPONE, M. H. T. Gerência e competências gerais do enfermeiro. Enfermagem, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 492-499, jul./set. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/tS353zgK36J9Mk36RyLLG7K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2024.

PINHEIRO, R.; CECCIM, R. B. Experienciação, formação, cuidado e conhecimento em saúde: articulando concepções, percepções e sensações para efetivar o ensino da integralidade. In: PINHEIRO, Roseni; CECCIM, Ricardo Burg; MATTOS, Ruben Araujo de (Orgs.). *Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação da área da saúde*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 16. Disponível em: <https://lappis.org.br/site/wp-content/uploads/2017/12/Ensinar-Sa%C3%BAde-integralidade-e---o-SUS-nos-cursos-de-gradua%C3%A7%C3%A3o-%C3%A1rea-%C3%A1rea-da-sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024

PIRES, S. M. B.; MÉIER, M. J.; DANSKI, M. T. R.. Fragmentos da trajetória pessoal e profissional de Wanda Horta: contribuições para a área da enfermagem. *Revista Eletrônica*, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/35706239/Fragmentos\\_da\\_trajetoria\\_pessoal\\_e\\_profissional.pdf](https://www.academia.edu/download/35706239/Fragmentos_da_trajetoria_pessoal_e_profissional.pdf). Acesso em: 21 maio 2024.

REGIS, L. F. L. V.; PORTO, I. S. A equipe de enfermagem e Maslow: (in)satisfações no trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 4, p. 565-568, jul./ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/pSRWGXKh4LM7SJ8rKMLc9yH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

RENOVATO, R. D. et al. As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da enfermagem. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 231-248, jul./out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/fw4td4H9zSbJLCL4ywRXc5q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

REPETTO, M. A; SOUZA, M. F. de. Avaliação da realização e do registro da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) em um hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 58, n. 3, p. 325-329, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Myzh7jSN9N7czZGfrqgnYM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

RIBEIRO, A. A. A.; FREITAS, G. F. de. Biografia e legado da doutora Wanda de Aguiar Horta para a enfermagem brasileira. Trabalho apresentado no 25º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem (CBCENF), modalidade Pôster, área Formação, Educação e Gestão em Enfermagem. João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://inscricoes-cbcenf.cofen.gov.br/anais/21/29814/trabalhoresumodownload>. Acesso em: 30 maio 2024.

RIEGEL, F.; CROSSETTI, M. G. O.; SIQUEIRA, D. S. Contribuições da teoria de Jean Watson ao pensamento crítico holístico do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem [Internet]*, v. 71, n. 4, p. 2193-2197, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gqdYgYnsbMSRrPxTKc8XPhb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

RODRIGUES, C. B. O. et al. Ferramentas gerenciais no cuidado de enfermagem à criança com lesão por pressão. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, Suppl. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/9ckrJyqtD4dpjhrSGX3bDkN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

RODRIGUES, J. A. P. et al. Uso da Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem na construção de protocolo de cuidados. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 4, e20210488, 2022. DOI:10.1590/0034-7167-2021-0488. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/CVqRxtTDj5VK3qfhWkjzqnK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

RODRIGUES, J.; ZAGONEL, I. P. S.; MANTOVANI, M. F. Alternativas para a prática docente no ensino superior de enfermagem. *Esc. Anna Nery R. Enferm.*, v. 11, n. 2, p. 313-317, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/HJg9GCcccPw8knZpy7pY7mS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2024.

ROSAS, A. M. M. T. F. et al. Abordagem sobre a ciência e a arte de assistir o ser humano no atendimento de suas necessidades básicas centradas no ensino. In: CHRIZOSTIMO, Miriam Marinho et al. (Orgs.). Criatividade, ensino-aprendizagem & teoria de enfermagem. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023, p. 115-121.

SÁ, F. N. de. et al. Tecnologia para assistência de enfermagem em uma Unidade de Terapia Intensiva Materna: estudo metodológico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 77, n. 2, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/YbYNbFpfVBT7rZV7F38VmTx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

SANTANA, M. N. G. S. T. O desafio de representar a ABE no conselho nacional de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, p. 393, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Wkcbn6pp6dqXKScG5gw3mKL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

SANTOS, B. P. et al. Formação e práxis do enfermeiro à luz das teorias de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, n. 2, p. 593-597, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/S6CTSqv6CX3WhvsbZcrffPr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2024

SANTOS, J. L. G. dos et al. Práticas de enfermeiros na gerência do cuidado em enfermagem e saúde: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 66, n. 2, p. 257-263, mar.-abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/zpPkwjwD6CkNvKnxVrWmXQv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SCHAURICH, D.; CROSSETTI, M. G. O. Produção do conhecimento sobre teorias de enfermagem: análise de periódicos da área, 1998-2007. *Esc Anna Nery Rev Enferm.*, v. 14, n. 1, p. 182-188, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/gsHfvM6GK5FGzYyRzMnyknc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SILVA, C. C. S. As teorias gerais da administração e suas contribuições para a enfermagem: estudo bibliográfico. In: ARAÚJO, Andréa Cristina Marques de; SILVA, Bianca Gabriely Ferreira; MELLO, Roger Goulart (Org.). Tópicos Especiais em Administração: Gestão Organizacional Contemporânea. v. 2. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2023. p. 29-37. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/issue/view/54/50>. Acesso em: 07 set. 2024.

SILVA, C. M. C. et al. O exame físico e o processo de enfermagem: para além do dualismo entre teoria e prática. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, Recife, v. 8, supl. 1, p. 2281-2286, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/9916>. Acesso em: 6 set. 2024.

SILVA, D. G. da. et al. O marco de Wanda de Aguiar Horta para o processo de enfermagem no Brasil. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, [S. I.], v. 2, n. 1-Sup, p. 56-59, 2011. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/68>. Acesso em: 31 maio 2024.

SILVA, E. N. da. Pensamento curricular contemporâneo na formação dos cursos de graduação em enfermagem em universidades públicas. Curitiba: Appris, 2014. 500 p. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1299/1/Pensamento%20curricular%20contem%20por%C3%A2neo%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20dos%20cursos%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o%20em%20enfermagem%20em%20universidades%20p%C3%BAblicas.pdf> Acesso em: 18 maio 2024.

SILVA, E. P. da; et al. Diagnósticos de enfermagem relacionados à amamentação em unidade de alojamento conjunto. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Tgkx3KC55yBgrVHXXK9J4BB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2024.

SILVA, P. A.; SILVA, S. R. da. Coriocarcinoma: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 63, n. 1, p. 148-157, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Ffb4kHJsGRnJk9GBHxt9Dwf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

SILVEIRA, R. C. P.; ROBAZZI, M. L. C. C.. Avaliação de enfermagem ao adulto e idoso e teoria das necessidades humanas básicas: uma reflexão. *Rev enferm UFPE on line*, Recife, v. 8, n. 10, p. 3525-32, out., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/10085/10534>. Acesso em: 15 maio 2024.

SOUZA, A. T. O. de. et al. A utilização da teoria da aprendizagem signifi cativa no ensino da Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 68, n. 4, p. 713-722, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kTwtbYttbRcLp45mBCHFsFv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 set. 2024.

SOUZA, A. C. C. de. et al. Formação do enfermeiro para o cuidado: reflexões da prática profissional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 6, p. 805-807, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/KW3X4TrBL6NRJsY8y385DNF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

TAFFNER, V. B. M. et al. Teorias e Modelos de Enfermagem como referenciais teóricos de teses e dissertações brasileiras: estudo bibliométrico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 4, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/r4KGDPsrmj8fmhQJ9MjRRJN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

TEIXEIRA, C. Os princípios do sistema único de saúde. Texto de apoio elaborado para subsidiar o debate nas Conferências Municipal e Estadual de Saúde. Salvador, Bahia, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3023433/mod\\_resource/content/4/OS\\_PRINCIPIOS\\_DO\\_SUS.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3023433/mod_resource/content/4/OS_PRINCIPIOS_DO_SUS.pdf). Acesso em: 19 maio 2024.

TESTON, E. F. et al. Perspectiva de enfermeiros sobre educação para a saúde no cuidado com o Diabetes Mellitus. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, Suppl. 6, p. 2735-2742, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ZGkvcBv4h3wdwk4sxPCM5jL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

TRUPPEL, T. C. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 62, n. 2, p. 221-227, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/J6PzYNjhRrHv36RWZQ8QmJS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.